

ANNE JACOBS

A
VILA
DOS
TECIDOS

LIVRO 1



A VILA DOS TECIDOS

ANNE JACOBS

A
VILA
DOS
TECIDOS

LIVRO 1



Título original: *Die Tuchvilla*

Copyright © 2015 por Blanvalet Verlag

Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Blanvalet Verlag é uma divisão da Penguin Random House Verlagsgruppe GmbH, Munique, Alemanha. Direitos negociados com a agência literária Ute Körner.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Gabriel Perez

preparo de originais: Dafne Skarbek

revisão: Ana Grillo e Suelen Lopes

diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Johannes Frick

imagens de capa: Arcangel Images | Susan Fox e Yolande de Kort

adaptação de capa: DuatDesign

impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J18v

Jacobs, Anne, 1941-

A vila dos tecidos / Anne Jacobs ; [tradução Gabriel Perez]. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2023.

512 p. ; 23 cm.

Tradução de: Die tuchvilla

ISBN 978-65-5565-504-9

1. Ficção alemã. I. Perez, Gabriel. II. Título.

23-83520

CDD: 833

CDU: 82-3(430)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

PARTE I

Augsburgo, outono de 1913

I

Após ter passado pelo Portão de Jakob e deixado para trás a cidade de Augsburgo, os passos dela ficaram cada vez mais lentos e um outro mundo surgiu ao leste. Um mundo que não era pacato e restrito como as vielas da cidade baixa, mas ruidoso e brutal. Tal como fortalezas medievais, as instalações da fábrica se distribuíam sobre o gramado e entre os riachos, cada uma delas rodeada por um muro, de maneira a impedir o acesso de pessoas não autorizadas e manter os funcionários sob vigilância. Dentro dessas fortalezas, a vibração e o barulho não paravam, as chaminés soltavam fumaça negra no céu e se ouvia o estalar das máquinas dia e noite nos pavilhões. Marie já sabia por experiência própria: quem trabalhava ali se transformava em pedra. Surdo pelo retumbar das máquinas, cego pela poeira que se erguia e mudo pelo vazio na mente.

É sua última chance!

Marie se deteve e, tentando proteger os olhos do sol, fitou a fábrica de tecido dos Melzer. Algumas janelas piscavam sob a luz da manhã, como se do lado de dentro ardesse uma chama. Os muros, no entanto, eram cinza e em suas sombras os átrios pareciam quase pretos. Já a mansão no lado oposto resplandecia com seus tijolos vermelhos, um verdadeiro castelo da Bela Adormecida em meio a um parque colorido pelo outono.

É sua última chance! Por que a Srta. Pappert havia repetido aquilo três vezes na noite anterior? Como se Marie estivesse entre a cadeia e a morte caso fosse dispensada de novo. Ela examinou a bela construção com mais atenção, mas ela ficou desfocada diante de seus olhos, sumindo no gramado e nas árvores do parque. O que não era de se admirar, devido à fraqueza após a hemorragia que sofrera três semanas antes e à ansiedade que a impedira de comer naquela manhã.

Pois muito bem, pensou ela. Pelo menos a casa é bonita e vou fazer outras coisas em vez de costurar. E se me mandarem para a fábrica, vou procurar

outro trabalho. Nunca mais vou ficar me esfalfando doze horas por dia em uma máquina de costura lambuzada de óleo com aquela linha que não para de arrebentar.

Ela ajeitou a trouxa sobre o ombro e se dirigiu lentamente à entrada do parque. O portão antigo, adornado com flores de ferro entrelaçadas, estava aberto de maneira convidativa. A estradinha para veículos atravessava o parque e terminava em uma pequena praça de paralelepípedos com um canteiro de flores no meio. Não havia ninguém à vista. Olhando de perto, a mansão parecia ainda mais intimidadora, sobretudo o pórtico, que se elevava até o segundo andar. As colunas sustentavam uma varanda com balaustrada de pedra – provavelmente onde o dono da fábrica fazia discursos na noite de ano-novo, junto com a esposa envolta em casacos de pele, sendo admirado pelos funcionários lá de baixo. Talvez eles ganhassem algum destilado ou cerveja nos feriados. Dificilmente espumante, pois devia ser reservado ao dono da fábrica e sua família.

Ah, na verdade ela não queria trabalhar ali. Quando olhava para as nuvens em movimento no céu, parecia que o grande edifício de tijolos se movia em sua direção para esmagá-la. Mas era sua última chance. Ela provavelmente não tinha escolha. Marie examinou a fachada da mansão. Na lateral direita do pórtico havia uma porta para os funcionários e, na lateral esquerda, outra para entregas.

Enquanto pensava qual das duas portas deveria usar, escutou atrás de si o ruído de um automóvel. Uma limusine escura passou rente a ela. Ao dar um salto para o lado, assustada, Marie conseguiu enxergar o rosto do jovem chofer, que usava um quepe azul com uma insígnia dourada.

Arrá, pensou ela. Agora ele vai buscar o dono da fábrica e levá-lo ao seu escritório. E olha que a fábrica está a apenas alguns passos de distância. No máximo dez minutos de caminhada. Mas um senhor tão rico nunca anda a pé, para evitar sujar os sapatos caros e o belo sobretudo.

Curiosa e com um pouco de inveja, ela fitou o portal que agora se abria sob as colunas do pórtico. Uma empregada surgiu, com um vestido escuro, um avental claro e um pequeno capuz branco sobre os cabelos perfeitamente penteados para trás. Em seguida, mais duas mulheres trajando longos sobretudos com gola de pele, um vermelho-escuro e o outro verde-claro. Seus chapéus, com flores e tules, pareciam saídos de um sonho, e, quando elas embarcaram na limusine, revelaram suas botinas de couro marrom.

Um cavalheiro seguiu as duas – não, não podia ser o diretor da fábrica, era muito jovem para isso. Seria o marido de uma das senhoras? Ou o filho dos donos da casa? Ele usava um sobretudo curto marrom e carregava uma maleta que, com um leve impulso, colocou sobre o teto do carro antes de entrar no veículo. E como era ridículo o chofer ter que sair em um pinote para abrir a porta do carro e oferecer a mão às senhoras, como se elas não alcançassem os assentos acolchoados sem sua ajuda... É, com certeza essas mulheres deviam ser feitas de açúcar. Uma chavinha e elas se desmanchavam e seriam levadas pela água. Pena que não choveu.

Quando os patrões já se encontravam acomodados no carro, o chofer contornou o canteiro no qual floresciam ásteres vermelhas, dalias rosadas e urzes lilás. Após a lenta manobra, o automóvel saiu estalando em direção ao portão, passando tão rente a Marie que o estribo tocou sua saia que balançava com o vento. Olhos cinzentos a fitaram com curiosidade descarada. O jovem cavalheiro havia tirado o chapéu, revelando seu cabelo ondulado displicentemente penteado que, junto com o bigode loiro, lhe dava o aspecto de um estudante despreocupado. Ele sorriu para Marie, depois curvou-se e disse algo à mulher de vermelho, levando todos às gargalhadas. Será que estavam debochando da menina malvestida com a trouxa apoiada no ombro? Marie sentiu uma dor no peito. Precisou lutar novamente contra o impulso de dar meia-volta e retornar ao orfanato. Mas não tinha escolha.

A densa fumaça fedendo a gasolina e borracha quente que o automóvel expeliu a fez tossir. Decidida, ela deu a volta no canteiro de flores, dirigiu-se à entrada lateral da esquerda e bateu com a aldraba preta de ferro. Nenhuma resposta – talvez todos estivessem trabalhando; já era por volta das dez. Quando ela bateu sem êxito pela segunda vez e estava prestes a simplesmente abrir a porta, finalmente ouviu passos.

– Jesus, Maria, José! É a menina nova. Por que ninguém foi abrir a porta para ela? A moça não vai ter coragem de entrar sozinha...

A voz era jovem e clara. Marie reconheceu a empregada que havia aberto o portal para as duas senhoras. Era uma criatura rosada, loira e parruda, com um sorriso inofensivo estampando seu rosto largo. Ela devia vir de algum dos vilarejos ao redor. Da cidade não era de jeito nenhum.

– Entre. Não precisa ficar com vergonha. Você é a Marie, não é? Eu sou a Auguste. A segunda camareira. Já tem mais de um ano.

Ela parecia orgulhosa de sua posição. Que casa era aquela? Eles tinham duas camareiras! Onde Marie trabalhava antes, ela tinha que fazer todo o serviço sozinha, inclusive cozinhar e lavar.

– Olá, Auguste. Obrigada por me receber.

Marie desceu os três degraus que levavam ao corredor. Que estranho. A mansão de tijolos vermelhos tinha inúmeras janelas, altas e baixas, mas a ala dos criados era tão lúgubre que mal dava para saber onde se pisava. Ou talvez ela se sentisse desorientada por causa da claridade do sol da manhã.

– Aqui é a cozinha. A cozinheira com certeza vai te dar café com um pãozinho. Você parece estar morrendo de fome...

E era verdade. Em comparação com a robusta Auguste, que exalava saúde, Marie devia se assemelhar a um fantasma. Ela sempre havia sido magra, mas, após a doença, seu rosto ganhara verdadeiras covas e os ossos dos ombros se destacavam, pontudos. Já os olhos pareciam duas vezes maiores do que antes e os cabelos castanho-claros eram rebeldes como as cerdas de uma vassoura. Pelo menos foi o que a Srta. Pappert afirmara na noite anterior. A Srta. Pappert era a diretora do Orfanato das Sete Mártires e ela, de fato, tinha a aparência de quem sofrera cada um dos martírios. Tudo em vão, pois a Srta. Pappert era mais maldosa que uma bruxa e certamente acabaria ardendo no inferno. Marie tinha um ódio mortal por ela.

A cozinha era um refúgio. Quente, clara e repleta de aromas deliciosos. Um lugar que contava histórias de presuntos suculentos, pães e bolos fresquinhos e patês, canjas e caldos de carne saborosos. Que cheirava a tomilho, alecrim e sálvia, a endro, coentro, cravo e noz-moscada. Marie parou junto à porta e fitou a mesa comprida, na qual a cozinheira realizava toda sorte de preparos. Só agora ela percebia o quanto estava frio do lado de fora, e começou a tremer. Que maravilha a perspectiva de sentar-se ao lado do forno com uma xícara de café com leite, de sentir o calor e inalar o cheiro da fartura, sorvendo o café em goles demorados.

Um grito estridente a fez estremecer. Uma mulher elegante, que parecia mais velha, acabara de adentrar a cozinha pelo outro lado e ficara horrorizada ao ver Marie.

– Nossa Senhora! – exclamou, pressionando as duas mãos contra o peito. – É ela! Deus me ajude. Igualzinha ao sonho. Meu Senhor Jesus Cristo, livrai-nos de todo o mal...

A mulher se escorou na parede, esbarrando em uma panela de cobre, que se desprende do gancho e caiu estrondosamente no chão da cozinha. Marie ficou paralisada de medo.

– Endoidou de vez, Jordan? – berrou a cozinheira, furiosa. – Derrubou minha melhor caçarola. Que Deus te proteja se eu encontrar um amassadinho ou furo nela.

A elegante mulher que acabara de ser chamada de “Jordan” mal percebeu a cozinheira gritando. Ofegante, ela se afastou da parede e agarrou os cabelos adornados com um laço preto. Também eram pretas sua blusa e sua saia, e ela usava um broche pequeno com uma gema emoldurada em prata e o desenho de uma delicada cabeça feminina.

– Não... não foi nada – sussurrou ela.

A mulher colocou as mãos nas têmporas, como se estivesse com a cabeça doendo. Enxaqueca era reservada apenas à “senhora”, uma funcionária ficava só com dor de cabeça mesmo, causada por embriaguez ou por ócio.

– Teve outro sonho, é? – resmungou a cozinheira, recolhendo a panela de baixo da mesa. – Você ainda vai ficar famosa com esses sonhos. Aí o imperador vai mandar chamar você para prever o futuro.

Ela riu alto. Sua gargalhada soava como o balir de uma cabra. Irônica, mas não maliciosa.

– Ah, pare com essas piadas estúpidas – disse Jordan.

– Mas se você só sonha com desgraça – prosseguiu a cozinheira, decidida –, o imperador não vai querer saber de você.

Marie estava encostada na porta. Seu coração batia rápido e subitamente ela se sentiu mal. Nenhuma das mulheres percebeu. Em vez disso, Jordan agora dizia que a senhorita queria chá com biscoitos. A cozinheira devia apressar-se.

– A senhorita que tenha paciência, eu tenho que colocar a água para ferver primeiro.

– É sempre a mesma coisa. Vocês ficam só enrolando na cozinha e depois eu que levo bronca da senhorita.

Marie achou estranho que as vozes, apesar de exaltadas, parecessem ficar cada vez mais baixas. Talvez fosse por causa do apito que encobria todos os outros ruídos. Mas se a cozinheira havia acabado de dizer que ainda tinha que colocar a água no fogo, por que a chaleira já estava apitando?

– Enrolando? – Ela escutou a voz da cozinheira. – Eu tenho que fazer

o almoço e depois um bolo. E hoje à noite um jantar para doze pessoas. E isso tudo sem ajuda, porque Gertie, aquela idiota, já se mandou. Se não é a Auguste aqui... Ó, céus!

– Nossa Senhora! Agora danou-se!

Marie quis sentar-se depressa, mas era tarde demais. A cerâmica em tons de cinza e marrom-claro do piso da cozinha se aproximou em velocidade máxima e tudo ficou preto. Silencioso e agradável. Um estado de suspensão na escuridão tranquila. Apenas seu coração batia e martelava, agitando seu corpo e fazendo com que ela tremesse. Era incontrollável. Seus dentes rangiam, as mãos se contraíam.

– Era só o que nos faltava. Uma epiléptica! Preferia a Gertie contando histórias de homem...

Marie não ousou abrir os olhos. Devia ter desmaiado. Isso não lhe acontecia desde a hemorragia. Será que ela voltara a cuspir sangue? Meu Deus, por favor, isso não! Ela morreu de medo daquela vez. Sangue claro escorrendo de sua boca. Escorrendo demais. Tanto sangue que depois não conseguiu ficar de pé.

– Cale sua boca idiota! – resmungou a cozinheira. – A menina está morta de fome, não me admira que ela desmaie. Aqui, segure a xícara.

As mãos ásperas a tomaram por baixo dos ombros, erguendo um pouco seu tronco. Nos lábios, ela sentiu a borda quente de um recipiente que cheirava a café.

– Beba, menina. Isso vai colocá-la de pé. Ande, tome um golinho.

Marie piscou. Ela viu bem de perto o rosto vermelho da cozinheira, descuidado e coberto de suor, porém bondoso. Atrás da mulher, ela reconheceu a figura magra de Jordan. O broche de prata brilhava sobre sua blusa preta e em seu rosto se refletia uma espécie de aversão.

– Por que tanto cuidado? Se ela estiver doente, a Srta. Schmalzler vai dispensá-la na hora. Melhor assim. Bem melhor. Ela vai trazer desgraça se ficar. Um grande infortúnio que vai trazer para essa casa, eu sei...

– Faça o chá, por favor. A água já está fervendo.

– Isso não é trabalho meu!

Marie decidiu finalmente tomar alguns goles do café. Ainda que para isso tivesse que revelar que continuava entre os vivos, o que preferia ter ocultado. Não podia deixar a simpática cozinheira esperando. E por sorte parecia não haver nenhuma gota de sangue.

– E então? – murmurou a cozinheira, satisfeita. – Está melhor?

Marie ficou enjoada com a bebida forte e amarga. Ela ergueu a cabeça e sorriu com esforço.

– Estou melhorando... Obrigada pelo café...

– Continue deitada um pouquinho mais. Quando melhorar, vou lhe dar algo substancioso para comer.

Marie acenou com a cabeça, agradecida, apesar de a ideia de um pão com manteiga ou de uma canja lhe revirar o estômago. As mulheres a haviam colocado deitada em um dos bancos de madeira usados pelos funcionários nas refeições. Marie estava envergonhadíssima pelo desmaio estúpido. Foram necessárias duas pessoas para levantá-la e sentá-la no banco. E, para completar, houvera a falação de Jordan, que não devia ser boa da cabeça, afirmando que Marie era epilética e que traria infortúnio para a mansão. O contrário, sim, era verdade. A mansão era a morada da desgraça, isso ela já estava testemunhando no primeiro dia, e a faria refletir. Fosse sua última chance ou não, ela não ficaria ali de jeito algum. Nem por dinheiro, nem por boas promessas. E muito menos pela conversa fiada da Srta. Pappert.

– O que você está fazendo? – gritou a cozinheira. – Não se enche o bule até a borda. Que Deus tenha misericórdia! Agora vai transbordar tudo e a senhorita vai dizer que é culpa minha!

– Se você tivesse feito seu trabalho como manda o figurino, isso não teria acontecido. Fazer chá não está entre as minhas atribuições. Eu sou camareira e não uma baratinha de cozinha!

– Baratinha de cozinha? Você é mesmo um poço de presunção! De presunção e de burrice.

– O que é que está acontecendo aqui embaixo? – Era a voz aguda de Auguste. – A senhorita já perguntou três vezes pelo chá e está ficando furiosa. E ela quer que a Jordan suba imediatamente...

Marie viu o rosto já sem cor da camareira ficar mais pálido ainda. Ela finalmente conseguiu levantar a cabeça. O enjoo havia passado.

– Pior é que eu já esperava isso – murmurou Jordan, sorumbática.

Marie percebeu como a mulher a encarou ao sair apressada da cozinha, a saía esvoaçando. Jordan a olhava como se ela fosse um inseto perigoso.

Eleonore Schmalzler era uma mulher imponente. Os 47 anos a serviço da família até haviam lhe dado alguns cabelos brancos, mas os ombros e as costas continuavam como nos melhores dias de sua juventude. Na Pomerânia ela havia sido camareira da Srta. Alicia von Maydorn e, após o casamento da patroa, Eleonore a acompanhou à sua nova mansão em Augsburg. Um casamento controverso, na verdade, pois Johann Melzer se dedicava à indústria e era filho de um professor da província. Um emergente que havia conseguido algo na vida. Já os Maydorns eram uma nobre família falida, com dois filhos oficiais que só davam despesas e uma propriedade na Pomerânia atolada em dívidas. Além disso, Alicia, beirando os 30 anos, já não era tão moça na ocasião do noivado. Ela tinha um tornozelo rígido desde a infância, resultado de uma queda na escada, o que prejudicava ainda mais seu valor no mercado matrimonial.

Eleonore Schmalzler ocupou o cargo de governanta inicialmente em caráter temporário. Alicia Melzer desconfiava das pessoas da cidade, que, a seu ver, só queriam tirar vantagem e não se importavam com o bom funcionamento da casa. Ela já havia dispensado dois mordomos e uma governanta. Eleonore Schmalzler, por sua vez, chamou a atenção desde o primeiro dia. Ela unia o apreço pela patroa a um talento natural para a liderança. Quem trabalhava na Vila dos Tecidos tinha que encarar o serviço como privilégio, obtido através de virtudes como honestidade, empenho, discrição e lealdade.

Já eram por volta das onze, e a Sra. Alicia e a Srta. Katharina estavam prestes a chegar. O jovem cavalheiro, que estudava Direito havia alguns anos na Universidade de Munique, fora levado até a estação de trem. Em seguida, a senhora e sua filha foram a uma consulta médica, dessas que duram no máximo meia hora. Eleonore Schmalzler tinha suas dúvidas, mas a senhora depositava muita esperança no doutor. A jovem Katharina Melzer, de 18 anos, sofria de insônia, nervosismo e terríveis dores de cabeça.

– Auguste!

A governanta reconhecera os passos da camareira no corredor. Auguste empurrou a porta cuidadosamente, equilibrando na mão direita uma bandeja de prata com uma xícara de chá meio vazia, um bule pequeno com creme e um açucareiro.

– Pois não, Srta. Schmalzler?

– Ela já está melhor? Então mande-a entrar.

– Perfeitamente, Srta. Schmalzler. Ela já está acordada. Uma menina baixinha e simpática, mas horrivelmente magra. Além do mais, não tem...

– Estou esperando, Auguste.

– Com licença, Srta. Schmalzler.

Cada um recebia o tratamento que merecia. Auguste tinha boa vontade, mas sua inteligência não ia muito longe. Além disso, era chegada à tagarelice. O fato de ter subido à função de camareira se devia à recomendação de Eleonore. Auguste era honesta e se provou leal à família. Havia meninas que, atraídas pela ideia de trabalhar na fábrica, fugiam do serviço poucos meses depois. Auguste não faria isso – ela era fiel à casa e à sua função, da qual tinha muito orgulho.

A porta rugeu quando a novata a abriu lentamente. A governanta fitou a criatura magra e pálida de olhos enormes. A cabeleira estava presa em uma trança da qual se soltavam finas madeixas. Era Marie Hofgartner, de 18 anos. Uma órfã. Provavelmente bastarda, criada com a mãe até os 2 anos e, após sua morte, enviada ao orfanato das Sete Mártires. Aos 13 anos começou a trabalhar em uma casa na parte baixa de Augsburg, de onde fugiu quatro semanas depois. Outras duas tentativas como empregada doméstica fracassaram igualmente; aguentou um ano como costureira em um ateliê, depois mais seis meses na fábrica têxtil Steyermann. E havia três semanas ela sofrera uma hemorragia...

– Bem-vinda, Marie – disse ela, forçando alguma simpatia para com a pobre moça. – Como vai?

Os olhos castanhos piscavam com intensidade anormal e a camareira se sentiu incomodada com o olhar perscrutador. A menina era muito ingênua ou o exato oposto.

– Obrigada. Estou bem, Srta. Schmalzler.

A jovem sabia manter a compostura e não era do tipo que ficava reclamando. Mal havia caído inconsciente no chão da cozinha – conforme o

relato de Jordan – e já estava ali, de pé, como se nada tivesse acontecido. Epilética, afirmara Jordan. Mas a mulher sempre fazia fofocas descabidas. Eleonore Schmalzler nunca confiava na opinião dos funcionários. Ela inclusive se permitia – apenas em segredo – colocar em dúvida a opinião de seus patrões, checando tudo de acordo com seus próprios e afiados critérios.

– Que bom – disse ela. – Precisamos de uma menina para o serviço na cozinha e você nos foi recomendada pela Srta. Pappert. Já trabalhou na cozinha?

A pergunta era dispensável, pois ela já havia examinado a carteira de trabalho e os boletins escolares da jovem, entregues no dia anterior por um mensageiro.

Os olhos de Marie percorriam o pequeno conjunto de cadeiras entalhadas e a estante repleta de livros e documentos. Por um momento, ela se deteve nas exuberantes e frondosas cortinas verdes. O cômodo no qual a governanta residia era fartamente equipado e pareceu impressionar a menina. Pouco depois, no entanto, uma ligeira contração de pálpebras deixou claro que ela reconheceu seus documentos na escrivaninha. *Por que a governanta está perguntando isso?* Seu olhar era questionador. *Ela já leu tudo.*

– Eu já trabalhei em três casas de família e tinha que cozinhar, lavar, servir a comida e cuidar das crianças. Além disso, no orfanato nós precisávamos sempre lavar os legumes, buscar água e lavar a louça.

Não era ingenuidade, mas esperteza em excesso. Eleonore Schmalzler não gostava quando os empregados eram inteligentes demais. Gente desse tipo só pensava em si mesma e não no bom funcionamento da casa, e ainda era capaz de dar golpes ardilosos. A governanta se lembrava com desprazer do criado que por anos roubara os vinhos tintos dos patrões para vendê-los. Ela ainda se culpava por ter deixado o bandido enganá-los por tanto tempo.

– Então você vai aprender o serviço bem rápido, Marie. Como assistente de cozinha, é subordinada à Sra. Brunnenmayer, nossa cozinheira. Mas todos os outros funcionários também podem lhe dar instruções e você deve obedecer caso eles lhe atribuam alguma tarefa. Estou lhe dizendo isso porque, pelo que estou vendo, você nunca trabalhou em uma casa tão grande.

A governanta ficou em silêncio e fitou a menina com curiosidade. Será que ela estava prestando atenção? Marie observava um desenho a carvão emoldurado, pendurado acima da escrivaninha. Um agrado da Srta. Katharina, que no Natal anterior havia presenteado todos os empregados com

gravuras feitas por ela. O desenho mostrava os galpões da fábrica com os telhados em formato triangular e envidraçados na face norte.

– Gostou? – perguntou ela, incisiva.

– Muito. Com poucos traços já se reconhece o que é. Queria muito saber fazer isso também.

Empolgação e nostalgia brilharam nos olhos castanhos da menina. Um sorriso discreto se insinuava em seu rosto. A governanta se colocou na defensiva. A sensibilidade perante anseios não realizados era um incômodo do qual seus sessenta anos de vida não conseguiram libertá-la. Nada era mais prejudicial para a paz interior necessária a seu trabalho do que esses sentimentalismos.

– Deixemos os desenhos para a jovem patroa. Você, Marie, terá muito o que aprender nesta casa. Principalmente na cozinha, onde preparamos pratos requintados. Mas em outras áreas também. Como lidar com os patrões, por exemplo. Estamos em uma casa muito grande, e com frequência damos jantares e realizamos reuniões de grande porte. Além disso, uma vez por ano organizamos um baile também. Existem regras rígidas para todos esses eventos sociais.

Finalmente algum interesse se esboçou no rosto de Marie. Apesar da esperteza, ela parecia inocente e distraída. Talvez lesse muitos romances baratos e acreditasse que o mundo fosse repleto de paixões avassaladoras.

– A senhora quer dizer um baile de verdade? Com música, dança e todos aqueles vestidos maravilhosos?

– Isso mesmo, Marie. Mas você vai ver pouca coisa, pois seu lugar é lá embaixo na cozinha.

– Mas... quando a gente serve a comida...

– Nos eventos maiores, só os funcionários homens servem. Essa é mais uma coisa que você tem que aprender. Vamos passar para a parte prática. Estamos contratando você em princípio por três meses e com um salário de 25 marcos, que pagaremos em duas parcelas. Dez marcos no final de um mês e o resto dois meses depois. Isso, obviamente, se você fizer seu serviço direito.

A mulher fez uma pequena pausa para verificar o impacto de suas palavras. Marie parecia indiferente. Ambiciosa, pelo jeito, a menina não era. Ótimo. Como assistente de cozinha, ela não podia esperar muito mais.

– Você vai receber também dois vestidos simples e três aventais. Essas peças devem ser mantidas limpas e usadas todos os dias. O cabelo precisa

estar preso e coberto com um pano, e as mãos devem estar sempre limpas. Meias e calçados, você usa os seus. E como está de roupas de baixo? Deixe-me ver.

A menina abriu sua trouxa e Eleonore constatou que a situação era crítica. Para onde ia o dinheiro que coletavam para o orfanato nas datas festivas? A menina tinha duas camisolas surradas, uma única calcinha sobressalente, uma anágua de lã furada e vários pares de meias remendadas. E nenhum sapato para trocar.

– Vamos ver. Se você se comportar direito... logo chega o Natal.

Nas datas festivas, havia presentes para os funcionários. Em geral, tecidos para roupas, couro para sapatos ou meias de algodão. Os funcionários de alto escalão recebiam também lembrancinhas da família, como relógios, quadros ou itens parecidos. No caso de Marie – contanto que ela se comportasse –, seria necessário gastar um pouco mais, pois a menina também precisava de um sobretudo de lã e algo quente para a cabeça. A ira da governanta contra o orfanato voltou a florescer. Nem mesmo um cachecol grosso deram à garota, deixaram tudo na conta dos novos empregadores.

– Você vai dormir lá em cima no terceiro andar, onde ficam os quartos dos empregados. Dormem sempre duas mulheres por quarto, e você vai dividir o seu com Maria Jordan.

Marie começara a amarrar sua trouxa quando se deteve, assustada.

– Com Maria Jordan? A camareira? A que usa um broche com o perfil de uma mulher?

Eleonore Schmalzler estava ciente de que Jordan não era uma companheira de quarto agradável. Mas nesse ponto aquela coisinha recém-chegada não tinha direito a opinião.

– Você já a conheceu. Maria Jordan é uma pessoa muito respeitada nesta casa. Você ainda aprenderá que uma camareira tem a confiança especial da patroa, e é por isso que, de todos os empregados, o cargo dela é tão elevado.

De fato, até ela às vezes ficava com inveja de Jordan, que não só era camareira da senhora como também servia às duas senhoritas. A própria Eleonore Schmalzler já fora camareira no passado e sabia sobre a intimidade envolvida nessa função.

A figura esguia se enrijeceu diante da governanta e, ao erguer os ombros, se tornou até um pouquinho maior.

– Desculpe, mas eu não quero compartilhar o quarto com Maria Jordan de jeito nenhum. Prefiro dormir em algum lugar no sótão junto com os ratos. Ou na cozinha. Pode ser até no mezanino.

Eleonore Schmalzler teve que se esforçar para assimilar tamanha insolência. A criaturinha desengonçada e morta de fome chegara do orfanato com nada mais que meia dúzia de boletins escolares ruins a seu favor e se achava no direito de fazer exigências. A governanta, que inicialmente até sentira pena da garota, estava revoltada com tanto atrevimento. Mas, claro, isso constava em quase todos os boletins. Atrevida, insolente, preguiçosa, desobediente... Pelo jeito, só não era dissimulada. Mas o resto já era suficiente. Eleonore Schmalzler teria adorado mandar a garota de volta ao orfanato. Infelizmente, havia um pequeno problema. Por alguma razão, a senhora queria que ela fosse contratada.

– Depois a gente vê isso – retrucou Eleonore friamente. – E tem outra coisa, Marie. Como você já percebeu, o primeiro nome da Srta. Jordan é Maria. Portanto, vamos ter que chamá-la por outro nome, do contrário pode haver confusão.

Marie apertou o segundo nó de sua trouxa com tanta força que as juntas dos dedos ficaram brancas.

– Vamos chamá-la de Rosa – decidiu a governanta.

Em outras circunstâncias, teria sugerido à moça dois ou três nomes para que ela escolhesse. Mas ela não estava merecendo tal gentileza.

– Por enquanto é só isso mesmo, Rosa. Vá para a cozinha, pois já estão precisando de você lá. Mais tarde, Else vai lhe mostrar o quarto e lhe entregar os vestidos e os aventais.

A governanta se virou, dirigindo-se à janela para abrir um pouco a cortina. Os donos da casa já estavam lá. Robert ajudava a senhorita a descer do carro enquanto a senhora já estava nos degraus do pórtico. O tempo parecia um pouco mais quente, e a senhorita havia inclusive tirado o sobretudo, entregando-o a Robert para que ele o carregasse, tarefa que ele fazia com grande diligência. Eleonore suspirou. Ela precisava trocar algumas palavras com o rapaz. Ele era um jovem cuidadoso e poderia chegar longe, inclusive ao cargo de mordomo, desde que os boatos que circulavam entre os empregados não fossem verdade.

– Else? Diga à cozinheira que os patrões estão de volta. Peça-lhe para preparar café e o lanchinho de sempre.

– Sim, Srta. Schmalzler.

– Espere. Depois disso, vá buscar na lavanderia as coisas da nova ajudante de cozinha e leve-as lá para cima. Ela vai dormir no quarto com Maria Jordan.

– Sim, Srta. Schmalzler.

A governanta dava suas instruções no corredor. Na cozinha, imperava o costumeiro corre-corre antes de um jantar festivo. A cozinheira emanava uma energia ótima, mas era melhor não mexer com ela quando estava ocupada. O pedido de Else, por exemplo, recebera uma resposta grosseira, pois a governanta deveria saber que o café e o lanche estariam prontos pontualmente. Eleonore voltou ao seu quarto, fechou a porta e, para sua grande surpresa, encontrou Marie. Ou melhor, Rosa, como a menina deveria ser chamada a partir de então.

– O que está fazendo aqui?

A garota colocara sua trouxa de volta no ombro, e seus olhos tinham uma expressão estranha. Dolorosa e dura.

– Sinto muito, Srta. Schmalzler.

A governanta a fitou desconcertada. Aquela menina era um verdadeiro enigma.

– Sente muito pelo quê, Rosa?

A moça inspirou com força, como se fosse levantar algo pesado. Ela ergueu um pouco a cabeça e semicerrou os olhos.

– Eu gostaria de ser chamada pelo meu nome verdadeiro. Eu me chamo Marie e não Maria, como a Srta. Jordan. Além disso, trabalho na cozinha e não creio que a senhora algum dia venha a me chamar. Ela solicita os serviços da camareira, mas com certeza não os da ajudante de cozinha. Seria impossível alguém nos confundir.

Ela apresentou sua justificativa em voz baixa, acenando o tempo todo com a cabeça. Apesar de falar em tom suave, ela o fazia com fluidez e convicção. Internamente, a governanta chegou a reconhecer que a menina tinha certa razão, mas jamais admitiria diante de tamanho atrevimento.

– Não cabe a você decidir isso!

Que absurdo. A criatura não queria trabalhar e estava buscando apenas um pretexto para ser devolvida ao orfanato em vez de ganhar seu próprio sustento.

– A senhorita não entende? – prosseguiu a menina, nervosa. – Meus pais escolheram esse nome para mim. Eles pensaram com muito carinho e

chegaram exatamente a esse nome. Marie. Foi isso que eles me deixaram de herança e, portanto, não vou usar outro nome.

Aquilo parecia uma determinação quase desesperada, e Eleonore Schmalzler tinha conhecimento suficiente do comportamento humano para inferir que não se tratava de aversão ao trabalho e tampouco de petulância. A mulher estava até um pouco comovida, apesar de ainda achar que Marie estava no mundo da lua. Seus pais! A garota era bastarda e provavelmente nunca nem tinha visto a cara do pai.

A criaturinha teimosa ia ser difícil de domar, disse a governanta sabia. Como ela gostaria de dispensá-la... Mas havia o desejo dos patrões...

– Pois bem – disse ela, forçando um sorriso. – Podemos tentar usar seu nome verdadeiro.

– Por favor, Srta. Schmalzler.

Havia sido uma vitória? Não, ela parecia apenas imensamente aliviada.

Após alguns segundos, a garota acrescentou:

– Muito obrigada.

Marie esboçou uma tentativa de reverência, deu meia-volta e finalmente foi para a cozinha. A governanta deixou escapar um suspiro que não pôde conter.

Vamos ter que dobrar a altivez dessa moça, pensou ela. A senhora com certeza estará de acordo.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

